

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Davi Rocha de Lima

**LIVRO-REPORTAGEM:
Se a Música Falasse por Si Só**

Bauru
2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**LIVRO-REPORTAGEM:
Se a Música Falasse por Si Só**

Projeto Experimental apresentado como Projeto Experimental de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientador Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

Bauru
2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pelo discente Davi Rocha de Lima, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões – FAAC/Unesp-Bauru

Prof. Me. Ângelo Sottovia Aranha – FAAC/Unesp Bauru

Prof.Dr. José Carlos Marques – FAAC/Unesp-Bauru

RESUMO

Este livro-reportagem tem a intenção de retratar rotina e história da banda brasiliense de rock independente chamada Móveis Coloniais de Acaju, através de entrevistas sobre sua história e reportagem participativa na rotina dos músicos. “*Se a Música Falasse por Si Só*” apresenta a banda, suas características, composições, projetos e relações com a música, seus fãs, a cidade de Brasília, e relata parte da rotina da turnê do álbum Complete.

Palavras-chave

Livro-reportagem, Música, Música Independente, Móveis Coloniais de Acaju, Cultura

ABSTRACT

This book report is intended to portray the history and routine of independent rock band from Brasilia, *Móveis Coloniais de Acaju*, through interviews about history and participatory reporting in the routine of musicians. "If the music speaks for itself" presents the band, their characteristics, compositions, projects and relations with the music, his fans, the Brasilia city, and relate part from routine tour Complete's album.

Keywords

Book-report, Music, Independent Music, Móveis Coloniais de Acaju, Culture

Agradecimentos

Agradeço primeiramente e principalmente aos meus pais, que me apóiam em todos meus projetos e ideias, por mais malucas ou aparentemente impossíveis de serem realizadas.

A André Gonzáles Martins, Alexandre Almeida Bursztyn, Bruno César Pino Oliveira de Araújo, Eduardo Borém Teixeira, Esdras Augusto Nogueira Filho, Fabio Sucupira Pedroza, Fabricio Ofuji, Gabriel Soares Coaracy, Paulo Rogério dos Santos e Roberto Mejia Avelino, por acreditarem que um estudante de jornalismo seria capaz de escrever um livro sobre o Móveis Coloniais de Acaju.

À Unesp pelo mundo inteiro de conhecimentos e vivências a que fui apresentado freqüentando seu universo. Aos professores que fizeram meu curso de jornalismo valer à pena: Dino, Pedro Campos, Zarcillo, Fernanda, Claudio Coração, Danilo Rothberg, Max e Bertolli. Especialmente ao Angelo, verdadeiro mestre do jornalismo em que tive o prazer de ter como professor durante três semestres, e ao Bulhões, pelo apoio e estímulo na orientação deste livro.

Aos meus amigos, que pouco ou muito, direta ou indiretamente acompanharam o desenvolvimento deste livro. Especialmente Xico, Helio, Cods, Camilona, Flavinha, Ana, Minhoca pelo apoio e paciência em me ouvir falar, pensar, refletir, desabafar sobre e durante a realização deste trabalho.

À Ana e ao Helio pelo precioso tempo dedicado para ajudar a deixar este trabalho tão bonito. Ao casal c_mpl_to Re e Tchi, que melhor entendem o que seria a vida “se a música falasse por si só”. Mais especialmente de todos os especialmente à Letícia, que além de todo apoio e paciência, foi parte importante para fazer de meu 2010 um ano incrivelmente lindo e inesquecível.

À Isa e sua linda família “brasiliense”: Célio, Eliane e Igor, pela paciência e receptividade em minha estadia na capital do Brasil, crucial para este trabalho.

Às cupins do Móveis, Bianca, Dani, Rafaela, Milla, Tânia e Renata, que mesmo de longe ajudaram e apoiaram a realização deste livro.

Sem todos eles, este livro jamais estaria C_mpl_to.

Aos meus pais, por tudo.
À música pop, por existir.

“Sem a música, a vida seria um erro”

Friedrich Nietzsche

Sumário

1. Introdução	9
2. Justificativa	10
3. Objetivos	11
4. O Livro-Reportagem	12
5. A Reportagem	16
6. O Jornalismo e a Literatura	20
7. A Entrevista	22
8. As Entrevistas	26
9. Desenvolvimento	28
10. Considerações finais	31
11. Projeto Gráfico	32
12. Referências Bibliográficas	33

Introdução

A cultura brasileira é extremamente vasta e o espaço dedicado à sua produção, seja na divulgação ou reflexão nos meios de comunicação brasileiros é limitado, tamanha a quantidade de produção realizada. Não importando o veículo nem o formato, o tempo necessário para aprofundamento da difusão cultural fica sempre limitado – seja em meio de comunicação escrito, televisivo ou radiofônico.

Quando o assunto é música, tende-se a trabalhar com o noticiário factual, com o mainstream como base, focando em paradas de sucesso e gêneros mais vendedores. Em muitos casos, critérios como qualidade e criatividade musical tem pouca importância, levando-se em conta itens como paradas de sucesso, deixando produções e movimentos musicais interessantes limitados a pequenos espaços na mídia. Não importando a abordagem, em geral o aprofundamento da mídia para questões culturais é pequeno, falta espaço e tempo – do jornalista e de sua audiência, para produções reportagens aprofundadas, em que trajetória de grupos musicais, sua produção cultural e importância tenham merecida contemplação.

O mercado de música independente brasileiro é vastíssimo, expande sua produção e interesse a cada dia, com bandas surgindo nas mais distantes garagens deste país, muitas com criatividade e qualidade musical tão ou mais interessante que o ouvido nas grandes casas de show brasileiras. O espaço dedicado a essas bandas na mídia tende a ser curto e não contempla toda a profundidade necessária para compreensão de suas nuances e características culturais.

Enquanto as bandas ganham notas de rodapé nos veículos, elas têm público, histórias, ideias, composições, características e relações culturais com a música, o público, a mídia e a indústria musical que renderiam assunto merecedor para ser conhecido por um grande público.

A ideia deste trabalho é dar profundidade e o espaço de um livro-reportagem para a banda de Brasília Móveis Coloniais de Acaju, que contempla exatamente essas possibilidades. Um novo formato para abordagem, com devida profundidade, de aspectos da trajetória musical da, considerada por especialistas em música e cultura, maior banda independente brasileira atualmente.

Justificativa

O grupo Móveis Coloniais de Acaju como tema do livro-reportagem “*Se a Música Falasse por Si Só*” justifica-se por sua crescente importância para a cultura brasileira, principalmente no meio da música independente. Entretanto, algumas particularidades e história do grupo contribuem para esta escolha.

Pela sonoridade do grupo, a crescente importância de sua produção musical para a música independente e o rock brasileiro e sua importância na cena musical brasiliense. A forma de atuação dos músicos em seu relacionamento com fãs, meios de comunicação, mercado musical e meio independente é exemplar e fundamental para seu sucesso.

Este trabalho propõe acompanhar parte da rotina do grupo e buscar, através de relatos dos bastidores e entrevistas com o grupo, detalhes importantes para entender a realidade de uma banda brasileira independente em 2010. Atentando para detalhes como a organização dos shows independentes brasileiro, sua estrutura e características de seu tempo. Junto a isso, está o registro da história do Móveis Coloniais de Acaju, seus dez integrantes, suas peculiaridades e relacionamentos.

Por se tratar de uma banda ainda na ativa, com “*apenas*” doze anos de estrada, este trabalho funciona como um retrato contemporâneo de uma banda brasileira e com sua história em andamento. Todos esses aspectos são representados em formato livro-reportagem por se tratar de um formato que possibilita englobar de forma rica diversos pontos de discussão em um mesmo produto cultural midiático.

Objetivos

Tendo a banda *Móveis Coloniais de Acaju* como referência, produzir um livro-reportagem com abordagem de sua rotina de trabalho como fio condutor para abordar sua história, características e peculiaridades e buscar retratar o funcionamento e atuação de uma banda independente brasileira contemporânea.

A proposta é levantar aspectos relacionados à trajetória do grupo Móveis Coloniais de Acaju, características sobre a rotina e organização de trabalho de uma banda independente brasileira, a influência da cidade de Brasília para a banda, a construção de sua identidade sonora e musical, a importância do grupo para seus fãs, para a cultura brasileira, o rock independente, a histórias dos integrantes na formação do grupo. Trabalhar com jornalismo cultural e livro-reportagem mesclando reportagem narrativa e entrevistas.

Com este trabalho dedico o formato de um livro para uma banda ainda na ativa, com *apenas doze anos de atuação*, que é independente e que tende a garantir espaço em sua posição de banda *mainstream*, algo incomum para livros-reportagens que tratam de história de bandas de música pop. Com este trabalho acredito contribuir com a abordagem diferenciada para o jornalismo musical e cultural brasileiro.

O Livro-Reportagem

Uma das possibilidades para publicação de grandes reportagens são os chamados livros-reportagens, em uma definição puramente acadêmica é um instrumento aperiódico de difusão de informações jornalísticas, servem de complemento a outros meios de comunicação, mas não o substituem. Pode ser a compilação de vários trabalhos já publicados em outros veículos de comunicação ou um trabalho feito especialmente para ser livro, concebido em termos jornalísticos.

Por seu formato e espaço editorial, um livro-reportagem é um dos espaços onde se pode reunir o maior número de informações sobre determinado assunto, de maneira organizada e contextualizada. Apresenta-se, assim, como uma das mídias mais ricas para publicação de determinado assunto. Uma das características de um livro-reportagem é que ele requer informação suficiente para superar barreiras do imediato e do superficial, apresentando interesse editorial por muito tempo.

Um livro-reportagem ainda pode servir para preencher lacunas deixadas pela cobertura jornalística diária, interpretando a contemporaneidade, detectando seus conflitos, circunscrevendo seu sentido e antecipando-os no tempo, como explica Edvaldo Pereira Lima, em Páginas Ampliadas. A reportagem em livro se propõe a

Ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem. (LIMA, 1995, p.68)

Escrever um livro-reportagem requer planejamento, pensando como se fosse a produção de uma grande-reportagem. Via de regra, pode ser dividida em três etapas: elaboração da pauta, apuração e produção textual.

É a partir da pauta que rumos e estabelecimento de diretrizes são definidos para serem seguidos pelo autor, como suas angulações, escolha de fontes, o tempo da abordagem do livro e seus propósitos. A apuração é feita a partir de entrevistas, observação participante e memória, podendo ser uma forma de conseguir esgotar determinado assunto. Esta etapa pode ser bastante exaustiva, mas vai até onde o autor define como necessário para seu encerramento.

A delimitação de até onde vai a apuração de informações é algo que não depende de fórmulas. De acordo com a monografia “Diálogo Aberto – Como são desenvolvidas, na prática, as etapas teóricas de produção do livro-reportagem”, de Cristiane de Azevedo Prizibiszki, “a decisão pelo encerramento da apuração depende exclusivamente da percepção que o autor possui sobre o material em mãos” (PRIZIBISZKI, 2006). Frase baseada em respostas de consagrados autores de livros-reportagens no Brasil, como Caco Barcellos, Ruy Castro, Edvaldo Pereira Lima, entre outros. Eduardo Belo estaca:

Um texto brilhante não sobrevive a uma apuração malfeita. No livro, em que a exigência de qualidade cresce, o trabalho tem que ser redobrado. Não é preciso saber os mínimos detalhes, mas compreender o assunto de ponta a ponta. Na medida em que entra no tema e o domina a ponto de saber o fio condutor da história de cabeça, o jornalista consegue a clareza necessária para passar o assunto aos demais (BELO, 2006, p.86)

A apuração deve buscar o máximo de informações para realizar, entre outras coisas, uma boa contextualização dos fatos. Permitir ao leitor concluir como as coisas acontecem e se conectam ao mundo e interferem na sua vida são funções de um livro-reportagem. É o momento em que qualquer detalhe é relevante, para só depois de tudo apurado o jornalista ter condições de avaliar o que é interessante ou não para ser publicado. Os detalhes podem demonstrar o grau de empenho do jornalista, falar muito sobre a personalidade do protagonista e facilitar ao leitor a compreensão dos fatos.

Detalhes, informações relevantes ou surpreendentes, curiosidades, tudo vai surgindo conforme a apuração aprofunda-se. Mergulhar na história é quase fazer parte dela. Funciona muito bem quando o jornalista se aproxima do objeto do seu relato. Ao tratar de um fato, convém entender qual a conjuntura em que ele se deu, quem são, como agem e vivem os protagonistas. Se for um personagem, é necessário familiarizar-se com seus hábitos, seu modo de vida, seus amigos, seus relacionamentos pessoais e profissionais, sua cultura e maneira de pensar, de falar, de vestir e até sua idade e seu tipo físico. Se possível, visitar sua casa, falar com todos os seus amigos e parentes, conhecer a escola que ele freqüentou. (BELO, 2006, p. 91)

A história do livro-reportagem não tem, a rigor, um marco que aponte seu nascimento. Eduardo Belo aponta que o livro-reportagem já existia antes do termo ser empregado em

círculos acadêmicos ou rodas de jornalistas. Um dos momentos de maior aproximação do jornalismo com a literatura – e marco do livro-reportagem – se deu no século XX. Trata-se da reportagem do jornalista americano John Hersey para a revista *New Yorker* (responsável por impulsionar a publicação de jornalismo literário), em 1946, sobre como vivia a população de Hiroshima um ano após ser atingida pela uma bomba atômica no fim da Segunda Guerra Mundial. A reportagem saiu numa edição inteira da *The New Yorker* de 31 e agosto de 1946. No ano seguinte foi transformada em livro, apontada por especialistas como a melhor reportagem da história. Ela foi feita num momento, descrito pelo escritor Eduardo Belo como “fervilhante”, que proporcionou a reaproximação do jornalismo com a literatura, e antevendo o *New Journalism*, termo que era novo para se referir a algo que não era propriamente uma novidade, como Belo destaca:

O jornalista Gianni Carta, defensor da reportagem de “longo curso”, escreve na introdução de seu *Velho novo jornalismo* que as técnicas empregadas pelos *new journalism* dos anos 1960 já haviam passado com brilhantismo pelas mãos do britânico George Orwell (1903-1950) e do americano Ernest Hemingway (1899-1961) (BELO, 2006, p. 24)

A técnica narrava os fatos com recursos mais próprios da literatura, buscando uma fuga da linguagem rápida e enxuta do jornalismo diário. Seus autores pregavam a reconstituição minuciosa dos fatos, de ambientes e épocas, reprodução de diálogos com o máximo de exatidão, evitar passagens abruptas de um assunto para outro e delimitar os fenômenos no tempo e no espaço.

Calcado na qualidade do texto e no espaço disponível para esse tipo de jornalismo em jornais e revistas, o “*movimento*” teve como protagonistas o romancista Truman Capote e os jornalistas Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese. Eles pularam naturalmente dos jornais para os livros, quase como uma consequência direta do interesse da sociedade pelas histórias humanas. Sua obra máxima foi o clássico *A Sangue Frio*, de Truman Capote, em que o jornalista relata o assassinato de uma família do Kansas. Foi publicada em uma série de quatro edições da *The New Yorker* e foi convertida em livro três meses depois.

No momento cultural mais recente da história do Brasil, o livro-reportagem tem se mostrado um gênero jornalístico com potencial de mercado. A partir dos anos 1980, com a volta da democracia no Brasil, os bastidores da política e da economia nacional e a ditadura política impulsionaram a publicação de livros. Mais adiante, as tentativas de estabilização monetária e a implementação do *Plano Real* pediam livros que explicassem o momento

econômico pelo qual o Brasil passava. Estes livros ainda abriram espaços no mercado editorial brasileiro para a publicação de livros de vários outros temas, desde biografias, jornalismo policial, narrativas históricas, grandes entrevistas, etc.

Recuando um pouco para a história do livro-reportagem no Brasil, o primeiro exemplar do gênero, digno do nome, é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que foi esculpido em 1897 como série de relatos para *O Estado de S. Paulo*. Euclides foi a Canudos, como repórter enviado especial e fez uma narrativa rica e detalhada – com um tom mais aproximado da literatura que do jornalismo – sobre Antonio Conselheiro e seus parceiros do agreste baiano.

Ainda na primeira década do século XX, Paulo Barreto, que assinava seus textos como João do Rio, entre outros pseudônimos, combinou literatura com técnicas modernas de reportagem de ficção literária com isso é apontado como um dos principais responsáveis pelas reportagens serem introduzidas nos jornais brasileiros.

A Reportagem

A reportagem é um gênero jornalísticos por excelência. Trata-se de uma extensão da notícia, é a forma-narrativa do veículo impresso, trazendo objetividade aos fatos narrados. De acordo com Chaparro (2008, 182) a notícia é “o resumo informativo para a descrição jornalística de um fato relevante que se esgota em si mesmo, e para cuja compreensão bastam as informações que o próprio fato contém”. Enquanto que a reportagem, é o relato ampliado de um acontecimento, algo que amplia o que é uma notícia.

Em *Sotaques d'aquém e d'além mar – travessias para uma nova teoria de gêneros*, Chaparro diz que a reportagem:

Vai além das fronteiras da notícia e dos saberes nela contidos, para desvendamentos, complementações, polêmicas ou elucidações que tornam mais ampla e mais complexa a atribuição de significados a acontecimentos em processo de ocorrência ou a situações de grande relevância. Nesse sentido, a Reportagem constrói e/ou propõe contextos para situações, falas, fatos, atos, saberes e serviços que revelam, alteram, definem explicam ou questionam a atualidade. (Chaparro, 2008, p.182)

Com tantas possibilidades, uma boa reportagem precisa seguir uma série de regras. Ao se pensar uma reportagem, é preciso ter clara a ideia de que uma reportagem, em forma narrativa, tem a necessidade de ser feita por um repórter que acompanhe os fatos onde eles estão acontecendo ou aconteceram. Com isso, ela embute uma ligação com a emotividade, na medida em que um relato é feito por quem participa da ação, aproximando o leitor aos fatos narrados.

Por isso, Sodré e Ferrari dizem que a reportagem é “o lugar por excelência da narração jornalística. E pode ser, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente”.

A reportagem não tem o mesmo caráter imediatista de uma notícia. Porém, oferece detalhamento e contextualização ao que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja apenas informativo. Eduardo Belo diz em *Livro-Reportagem* que a reportagem pode “ser descritiva, e limitar-se a narrar os acontecimentos, ou pode ser analítica, quando, além de narrar, agrega informações paralelas e confere maior grau de contextualização da história”(2006, 80).

Um fato recente, um assunto polêmico ou perfis de pessoas em destaque – todos

podem ser temas de reportagens, mas só no primeira caso há exigências quanto à atualidade. Por isso, como destaca Sodré e Ferrari, “um fato importante acontecido há cinco ou dez anos poderá ser “comemorado” por uma reportagem, que reproduza quase que da mesma forma a original”(1986, 120).

Três tipos de reportagem são descritos por Sodré e Ferrari. A reportagem de fatos e a reportagem de ação e documental.

Reportagem de fatos (*Fact-story*): Trata-se do relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida. Como na notícia, os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância.

Reportagem de ação (*Action-story*): É o relato mais ou menos movimentado, que começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme.

Reportagem documental (*Quote-story*): É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. A reportagem documental é expositiva e se aproxima da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito de um tema em questão.

Não importa qual modelo de relato narrativo, a reportagem pode variar seus esquemas ou planos textuais e temporais, de maneira a se tratar de uma mensagem de natureza narrativo-expositiva para a comunicação.

A dosagem do tempo numa reportagem narrativa é importante para manter o interesse do leitor pelo texto. O tempo no texto é o desenrolar das ações dos personagens, as referências temporais em que acontece a narrativa.

O tempo do texto é a velocidade de reprodução dos fatos. Numa notícia ou numa *fact-story*, em que interessa apenas “anunciar os fatos”, o tempo é *normal*, apresentado pela importância estabelecida pela pirâmide invertida. Na *action-story*, o tempo é acelerado: a narrativa restringi-se aos elementos que produtores de *intensidade* e elimina detalhes sem ação.

Além disso, o texto precisa apresentar alguma características para ser a construção de uma reportagem bem estruturada. Sodré e Ferrari destacam força, clareza, condensação, tensão e novidade.

Força, para arrebatrar o leitor e fazê-lo chegar ao fim da narrativa, com seleção de elementos textuais que produzam efeito emotivo ou racional, onde reside a força da obra. Clareza, para respeitar à objetividade jornalística e visando a compreensão imediata do assunto para não deixar escapar a força do texto. Condensação, para evitar exageros e privar pela síntese dos recursos narrativos e descritivos, suprimindo aspectos intermediários supérfluos. Tensão na dosagem da disposição das informações textuais para levar o leitor a um ponto de clímax na história. O texto pode apresentar um único momento de clímax ou apresentar diversos movimentos descendentes e ascendentes. Novidade, ligada ao acontecimento inédito, também diz respeito à observação de um fato, pessoa ou tema, com uma abordagem original. Levando em conta a possibilidade de ter um texto imprevisível, tanto na forma como no conteúdo. As três últimas características – tensão, condensação e novidade – são fundamentais para instaurar a primeira: *força*.

Outro ponto de destaque a uma narração é a entrada do personagem na história narrada. Como uma reportagem trabalha com a narração de um acontecimento, em algum momento este fato necessita de um ou mais personagens participativos da ação. Por isso, em algum momento, a ação pode dar lugar a descrição de um personagem, que se apresenta na história. Neste momento, segundo Sodré e Ferrari, é quando “o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. Em jornalismo significa o enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência” Sodré e Ferrari

Há várias maneiras de realizar o perfil numa narração, quando o narrador usa da entrevista clássica, sem comentários, com uso de discurso direto, com o personagem se apresentando e quando o narrador compartilha com o leitor um momento de experiência com seu perfilado, usando, assim, discurso indireto e apresentando seu personagem explicitamente, pois deixa claro ao leitor que já sabe sobre quem se fala.

Além disso, existe a possibilidade do narrador desconhecer completamente o personagem, e apresentá-lo a seu leitor relatando o momento em que o conheceu. “Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado”. (Sodré e Ferrari, 1986 , p.131)

Os perfis em reportagens factuais apresentam personagens secundários, onde seu enfoque é dado rapidamente durante a reportagem. Dentre os personagens temas de uma narrativa, Sodré e Ferrari definem alguns tipos: o personagem-indivíduo, em que o interesse no entrevistado cai sobre sua atitude, comportamento e peculiaridade diante da vida; o personagem-tipo, que trata de personalidades não tão surpreendentes, mas que estão em categorias artísticas ou de destaque, para aquilo que lhes deu fama, talento, habilidade, entre outras qualidades; o personagem-caricatura, com interesse sobre sujeitos estranhos e peculiares, cabe aqui discurso irônico e caricatural.

O Jornalismo e a Literatura

Uma das possibilidades para um livro-reportagem é adentrar no universo do jornalismo literário. Ao jornalista que consegue seguir este caminho, há maior liberdade lingüística e estética tomando de empréstimo técnicas e características próprias da literatura, a linguagem criativa, rebuscada, voz autoral, uso de figuras de linguagens, digressões, entre outras possibilidades.

Os estudos acadêmicos a respeito das relações entre jornalismo e literaturasobre jornalismo e literatura apontam que estes apresentam pontos divergentes e de aproximação. O livro *Jornalismo e Literatura em Convergência*, de Marcelo Bulhões, debate tais “encontros” e “desencontros”.

De acordo com Bulhões, uma tendência imediata é afirmar que jornalismo e literatura têm pouco em comum. Partindo do princípio de que seria da natureza do jornalismo difundir informações através da precisão e homogeneização da linguagem, enquanto a literatura se faz pelo poder da linguagem usa da linguagem como fim, esta afirmação é correta.

Também seria pertinente afirmar que o jornalismo trabalha somente com a verdade factual, enquanto a literatura usa e abusa da ficção. O jornalismo apura acontecimentos, informações, capta movimentos da vida, plausível e demonstrável, tomando a existência como algo observável, comparável e palpável. Enquanto a literatura usa da linguagem não como meio, mas fim, pode entregar-se aos desregramentos da ficção, como um receptáculo das necessidades humanas de fantasia.

Um dos gêneros literários que mais aproxima a literatura do jornalismo é o romance, “Gênero aberto por excelência, sempre se deixou incorporar por influxos variados. Diante da presença das marcas da reportagem jornalística, o romance não seria indiferente às suas sugestões expressivas e até aos seus procedimentos de captação de temas e assuntos” (Bulhões, 2007).

Um ponto crucial desta aproximação entre jornalismo e literatura é através da narratividade, na produção de textos narrativos que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, com estreita conexão com a temporalidade e revelação da realidade. Dentre as variadas formas, a reportagem é a forma desenvolvida da notícia. A reportagem narrativa é a que mais se aproxima dessa ideia, detalhando os fatos, situando-os no que acontece em suas motivações. A narrativa traz ainda diversas possibilidade lingüísticas a serem usadas, já que “possui variantes de formato, ora mais descritivos, expositivos,

dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões”, como explica Bulhões.

A apuração para uma reportagem abre maiores possibilidades para se trabalhar com os aspectos literários. Como destaca Bulhões, o narrador-repórter pode se apresentar como

Testemunha ocular dos fatos, “centrada na figura do *eu* que reporta, o que insinua a presença de marcas de personalidade na forma expressiva. É o que permite circunscrever a reportagem na viabilidade da realização de um estilo, ou seja, de uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. Daí dizer que a reportagem é o ambiente inventivo da textualidade informativa (Bulhões, 2007, p. 47)

Sendo assim, o jornalismo literário, com uso inventivo da linguagem, supre duas necessidades do leitor, o relato de alguém que foi testemunha ocular da história e necessidades de fruição lúdica de linguagens. Isso é algo aparente tanto em produções impressas que trabalham com reportagens narrativas (mesmo que em produtos menores), quando em livros de autores consagrados (com trabalhos mais profundos e consistentes), com tradição literário-ficcional, em livros de Caco Barcellos, Paulo Lins, Zuenir Ventura, Ruy Castro, João do Rio, entre outros.

Como em exemplo dado por Bulhões, João do Rio, que investia nos atributos jornalísticos saindo “às ruas e aguça o olhar direcionado para o efêmero da vida mundana, registrando o circunstancial, captando tipos sociais e o ritmo veloz da mudança dos tempos”(2007, p.106).

Uma “conquista” do jornalismo que faz uso das características literárias é a resistência à perenidade. O jornalismo diário, semanal, até mesmo mensal, usa da necessidade de constante atualização de novas informações, o que leva à tendência ao esquecimento, à rápida desvalorização daquele conteúdo peregrino. Fazendo uso da literatura e a publicação em livro, o jornalismo tenta ensaiar uma resistência à esse perecimento, como “um antídoto de sobrevivência, provando uma longevidade que extrapola o aspecto circunstancial dos assuntos tratados ou eventuais limitações interpretativas das doutrinas que comportam”.

A Entrevista

Uma das funções do jornalismo é informar e noticiar os fenômenos que acontecem no mundo. Grande parte das informações são obtidas a partir da realização de entrevistas, um instrumento de trabalho dos jornalistas. A entrevista é uma técnica para obtenção de informações que recorre ao particular, sem preocupações científicas, uma comunicação humana para obter informações para diversos gêneros textuais, entre eles uma reportagem.

Cremilda Medina em “Entrevista – O Diálogo Possível” diz que a entrevista “dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não-diretividade; pode contribuir para uma auto-elucidação, uma tomada de consciência do indivíduo”.

A autora usa as classificações de Edgar Morin para entrevistas: “entrevista-rito”: onde as palavras dos entrevistados são ritos de passagem; “entrevista-anedótica”: conversações no nível dos mexericos; “entrevista-diálogo”, traz à tona uma verdade que diz respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema; “entrevista neoconfissões”: onde o entrevistado “se deixa levar pela entrevista em profundidade, com uma confissão semelhante a um strip-tease da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador”. Aos dois primeiros casos, Morin faz uma crítica à suas superficialidades, enquanto acredita que os demais casos são classificadas como raros, e descritos com muito entusiasmo.

Dentre todos esses aspectos, deve-se atentar que as entrevistas podem aparecer em trabalhos curtos, nos pequenos espaços dispensados ao jornalismo diário, o *hardnews*, ou em maiores espaços, com tempo para maior aprofundamento, como nas grandes reportagens. Em ambos os casos, o jornalismo cumpre diferentes papéis, que atendem distintas necessidades.

Para a realização de um livro-reportagem, que necessita de entrevistas aprofundadas, o jornalista precisa conseguir relacionar-se com o entrevistado de maneira que ele se sinta à vontade para confiar ao jornalista suas melhores palavras e histórias. Cabe ao jornalista atentar à forma como se portar na realização das entrevistas, como o sujeito que representa um grande número de pessoas, que necessitam das informações, histórias e a interação entre ele e as fontes. Para isso, Medina chama atenção do jornalista para três aspectos de desempenho técnico e atenção ao seu papel social:

O entrevistador tem de encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível. Se não houver consciência das etapas de observação mútua - namoro,

busca da confiança recíproca, entrega – a matéria resultará numa versão pobre do que teria sido uma entrevista.

O entrevistado também tem de ser considerado. Uma fonte de informação que não identifica seu compromisso social de delegar informações à comunidade, certamente imporá barreiras psicossociais.

De qualquer maneira, mesmo tomando como referência uma situação ideal de empatia entre entrevistado e entrevistador, o que se coloca de imediato - em todas as entrevistas - é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. De fato, as pessoas andam armadas umas em relação às outras. Então, no que se refere ao contato com jornalistas, o caso é mais grave. Por princípio, um jornalista diante de qualquer pessoa é, no mínimo, um invasor, um perturbador da privacidade, aquele tipo que quer tornar público o que o indivíduo nem sempre está disposto a desprivatizar. E, na pior das hipóteses (de desempenho técnico), o jornalista é aquele que deforma tudo o que diz. De um extremo a outro, impõem-se uma tarefa extra à pauta: preparar a atmosfera de trabalho, proporcionar, com habilidades que têm muito de psicológicas, ou pedagógicas, uma abertura para o desbloqueio, o desarmamento. só após desanuviar as desconfianças é que efetivamente se pode abordar a pauta.(Medina, 1995, p.30)

Parte dessa relação de confiança entre jornalista se conquista através do olhar atento sobre seu entrevistado. Onde, com devida sensibilidade, o jornalista consegue entender o entrevistado, como ele age e sua participação no ambiente, o que auxilia a narração e a produção da pauta jornalística.

Como destaca a jornalista Eliane Brum, em texto “Sobre a melhor profissão do mundo”:

Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, Eliane. “Sobre a melhor profissão do mundo” In: *A Vida que Ninguém Vê*. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2007, p.191)

A descrição do ambiente onde acontece a entrevista, o fato social ou de locais que o entrevistado refere-se em suas declarações, pode ser de grande importância para a reportagem e acrescentar muito a seu trabalho. Essa descrição acontece de acordo com a voz narrativa

adequada a ser usada na reportagem. Cremilda Medina classifica o foco narrativo de algumas formas:

A narrativa em terceira pessoa é subdivida por Cremilda Medina em “onisciência neutra externa”: com narração de aparência não-participante; “onisciência neutra externa interpretativa”: com narração de tudo que está se passando com comentários dos acontecimentos; “onisciência neutra externa plena”: com penetração na intimidade dos sentimentos, mas com distanciamento como se não fizesse parte do mundo do entrevistado; “Onisciência interpretativa”: com comentários e participação no nível externo e interno das personagens; “Onisciência imediata”: sem comentários elaborados, com pensamentos do narrador à tona em qualquer momento.

Já na narrativa em primeira pessoa, Medina aponta as seguintes variáveis “narrador observador”: distanciado; “narrador protagonista”: que se funde na ação dos personagens; “foco narrativo mutante”: com mudanças de foco sem aviso prévio; “narrador que interfere”: que assume tons de objetividade, interpretação, impressionismo ou “infidelidade” em registros casuais; “aperceptivo”: o narrador que usa postura metalingüística sobre o ato de narrar.

Outros aspectos são considerados em relação aos focos narrativos. Na entrevista conceitual, de pergunta-e-resposta, os conceitos emitidos pela fonte de informação dispensam um narrador indireto, em algumas situações o leitor é situado através de uma abertura textual.

As entrevistas que focam nas vivências dos entrevistados, os protagonistas(e/ou antagonistas) da ação social, pedem uma narração indireta, com o repórter assumindo uma voz narrativa "equidistante", que costura as declarações em etapas.

Quando o jornalista busca a realização de entrevistas de qualidade, ficando atento a estas peculiaridades da realização de uma entrevista, uma entrevista pode atingir o status de Entrevista(com E maiúsculo), como destaca Medina:

A Entrevista (com *E* maiúsculo) como finalidade em si atinge a perfeita caracterização de um gênero jornalístico. Assim a conceitua José Marques de Melo em seu livro *Opinião no jornalismo brasileiro*. Assim também a distingue o leitor, o ouvinte de rádio, o telespectador. Ele sabe perfeitamente quando está diante de uma Entrevista. Talvez não chegue ao conceito intrínseco, às subdivisões quanto ao tratamento, mas identifica o traçado geral – ocupa mais espaço impresso ou tempo no ar, estende a conversação entre jornalista e entrevistado, realiza ou não uma aproximação do diálogo, flui ou não sem quebras, interferências ideológicas,

encaminhamentos forçados por parte do entrevistador. Um adolescente reconhece virtudes e defeitos na entrevista a que está assistindo na televisão e tece comentários instantaneamente(Medina, 1995, p.49.)

As entrevistas

Para a realização deste livro, entrevistas com a banda Móveis Coloniais de Acaju foram realizadas buscando levantar suas peculiaridades e curiosidades, a relação do grupo consigo, com o público e a mídia, de maneira que a narrativa apresentasse rotina e bastidores de uma banda de rock independente brasileira.

O primeiro passo para a preparação destas entrevistas se deu a partir da elaboração de pautas. Durante as entrevistas, parte do trabalho consistia em observar a banda trabalhando para entender sua rotina.

Para realizar as entrevistas, foi feita pesquisa com base em material jornalístico sobre o Móveis publicado em revistas, sites, blogs, jornais e outros veículos. Em seguida, o trabalho consistia na observação da atuação dos integrantes em seu trabalho, nos palcos, nos bastidores de seus shows.

O ato de observar parte do trabalho do grupo serviu de “inspiração” para realização de perguntas que não seriam feitas apenas com a pesquisa realizada. Além disso, serviu como importante material para a descrição do ambiente de atuação dos músicos. A jornalista Eliane Brum classifica a observação dos acontecimentos como “a outra metade da reportagem”(2007, p.191).

Em todos os momentos, busquei realizar entrevistas no estilo “entrevista-diálogo”, como expostos por Medina(1995, p.49), resultando em material informativo sobre os entrevistados. Em alguns momentos, nem sempre com o gravador ligado, chegamos até a um nível em que o diálogo pôde ser considerado como de neoconfissão, nos moldes apontados por Medina(1995, p.49), principalmente relacionando à história da banda e de seus integrantes, onde emoções e sentimentos ficaram à mostra.

Optei sempre por realizar entrevistas pessoalmente, em vista da necessidade de extrair o melhor dos entrevistados. As respostas, gestos, impressões, relatos do momento e a maneira como eles me respondiam e assim poder capturar no ambiente o melhor das respostas dos integrantes e as mais honestas impressões do momento.

Quando uma entrevista tem muita importância para o relato, sempre ficará melhor se for realizada pessoalmente. Isso dá ao autor a possibilidade de observar o gestual, o comportamento, o modo de viver daquela fonte. O contato direto também aproxima as fontes um pouco mais da sinceridade. (BELO, Eduardo. *Livro-Reportagem*, 2006, p.101)

Desde os primeiros momentos em que relatei sobre meu trabalho de conclusão de curso, foi imediata a associação com o filme de meu trabalho com o filme *Quase Famosos*, do diretor Cameron Crowe, em que um jovem jornalista da equipe da revista *Rolling Stone* acompanha a primeira turnê pelos EUA da banda de rock chamada *Stillwater*. No filme ficam evidentes os bastidores de uma banda *mainstream* dos anos 1970 e a relação de jornalista e *rockstars*.

No texto *Jornalismo Cultural*, de Arthur Dapieve, o autor aborda a relação da fonte com o jornalista.

As pautas circulam entre repórter e fonte por uma honesta comunhão de interesses: o primeiro precisa da notícia para trabalhar, a segunda vive de criar notícia. Coisa bem distinta de amizade. (...) Lembra-se do *Lester Bangs* (crítico de rock americano da vida real, morto em 1982, 33 anos) que, transformado em personagem no filme *Quase Famosos*, de Cameron Crowe, dizia ao jovem *alter ego* do diretor: "Eles não são seus amigos". É claro que, com o tempo, é natural e saudável que o ser humano jornalista estabeleça relações de amizade sincera com alguns desses *eles* - artistas, empresários, assessores de imprensa - mas o conselho do *Bangs* do filme está entre os melhores que se pode dar ao novato indefeso diante do (falso) deslumbramento de ser membro do *showbiz*. (DAPIEVE, Arthut. "Jornalismo Cutural". In: *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. Álvaro Caldas(org.) Rio de Janeiro. Editora PUC Rio, 2008, p. 102)

Durante todo a realização deste trabalho, questionei-me sobre minha relação com a banda. Sabia que estava num ambiente estranho com pessoas desconhecidas, que poderia estar invadindo o espaço da banda.

Os primeiros momentos em que estive na rotina da banda foram de certo desconforto, tanto para os integrantes do grupo quanto para mim. Com o tempo, pela forma como me apresentei e pela receptividade da banda, minha relação deixou de ser fria. Minha aproximação com eles tornou-se mais amigável e as entrevistas formais, transformaram-se em verdadeiras conversas informais. Assim, os integrantes passaram informações mais ricas sobre todos os assuntos que precisavam ser abordados. Houve momentos em que tive acesso a certas informações muito pessoais, íntimas, julgadas por mim como algo que transpassa o limite da proposta do projeto.

Desenvolvimento

A ideia para a realização deste projeto surgiu a partir de meus conhecimentos de música brasileira e cultura pop em geral, que me deram embasamento para perceber a importância do Móveis Coloniais de Acaju para a música, o rock e o cenário independente brasileiros. A partir de uma primeira atenção dada a sua importância, busquei mais informações e percebi características que poderiam tornar o grupo brasiliense Móveis Coloniais de Acaju a ser tema de um livro-reportagem.

A pesquisa inicial foi feita com base na leitura de revistas, jornais, blogs e sites especializados em música e cultura que retratassem a banda a partir de aspectos da música e mercado independentes contemporâneos. Posteriormente, busquei informações específicas sobre seus doze anos de estrada. A base para as informações sobre a banda, que apontaram as primeiras informações foram encontradas em mais de mil e cem posts do blog que o Móveis Coloniais de Acaju mantém desde o ano 2000 na internet. São posts que contam sua história, momentos particulares de shows, comentários sobre música em geral, a convivência entre os integrantes e a relação com seu público.

Além disso, algumas informações sobre a banda e sua história estão disponíveis em seus perfis em redes sociais da internet, como o Twitter, Facebook, Orkut, MySpace, Youtube, Formspring, entre outras. Nelas, o Móveis posta uma série de informações sobre o grupo e os fãs deles contribuem compartilhando informações. Além disso, a maneira como o Móveis usa as redes sociais passa algumas informações de nível particular que contribuem para a realização das pesquisas sobre a banda.

Algumas das informações obtidas sobre os integrantes do grupo são pessoais, não servem para serem usadas como informações sobre para a história do grupo, mas tem valor na forma como traçar o papel e a personalidade de cada integrante, o que facilita o acesso a eles e a realização de trabalho tão profundo.

Tendo todas as informações necessárias para a realização das entrevistas, conversei com todos os integrantes da banda em diversas oportunidades, em entrevistas individuais ou coletivas. Acompanhei o grupo em algumas viagens pelo interior de São Paulo, onde acompanhava sua rotina de shows e viagens. Posteriormente, fui a Brasília conhecer o trabalho do Móveis no escritório que é a base da estrutura do grupo.

Com diversas horas de entrevistas e anotações feitas sobre todos os aspectos observados sobre a banda, realizei a produção textual. Dividi a produção textual em prefácio, perfil, dez capítulos e pós-fácio.

Como o assunto de “Se a Música Falasse Por Si Só” trata de uma banda grande, com dez integrantes, antes do primeiro capítulo apresento um perfil de cada integrante do Móveis Coloniais de Acaju. A ideia é que, se perdido, o leitor possa situar-se em relação a cada um deles, com uma imagem, algumas frases, declarações e informações básicas.

O primeiro capítulo (Nada Existe Sem Classificar (Não!)) apresenta a banda, como formaram-se, principais acontecimentos de sua história, estilo musical, arte de sua história e as características de seus projetos e peculiaridades.

O segundo capítulo (Um Céu Pontilhado em Negrito) apresenta a relação da banda com a internet. Na realidade do século XXI, uma banda precisa ter presença ativa na internet, o Móveis Coloniais tem site, blog e participam nas redes sociais. Essas relações e intervenções são exploradas nestes capítulos.

Uma das particularidades do Móveis é associar seu nome à Revolta do Acaju, um movimento que teria acontecido no século XVIII no Brasil. O terceiro capítulo (Revolta do Acaju: Uma História que o Brasil Não Conheceu) trata da revolta e apresenta uma série de versões para este acontecimento, apresentando entrevistas da banda que tratam desse assunto e versões para esta história.

O capítulo seguinte é uma série de entrevistas com dois integrantes e um ex-integrante do Móveis, respectivamente o flautista Beto Mejía, o vocalista André Gonzáles e o ex-baterista Renato Rojas. Outro capítulo com a mesma abordagem, entrevistas em formato de pergunta e resposta com os integrantes do Móveis apresentasse no final do livro. Estes capítulos se mostraram necessários, pois foram entrevistas realizadas por mim durante o processo de apuração deste livro, com os discursos dos entrevistados tão marcantes que mereceram um espaço de pergunta e resposta sem minha intervenção.

O quinto capítulo apresenta Brasília, chamado *Tudo que Parece Ser Eu é um Bocado de Alguém*, a cidade natal deles, seus aspectos, as influências sobre o Móveis, a presença deles na cidade e apresenta a rotina do Móveis na cidade.

O sexto *Quando eu Vivo Este Encontro* trata da relação da banda com seu público. Tanto através da internet como nos shows, relação dos Móveis com seus fãs é bem próxima. Mesmo sendo uma banda independente os rapazes tem conquistado cada vez mais fãs pelo Brasil. Para retratar esses fãs e entender os porquês dessa relação ídolo-fã e a influência do Móveis com eles, faz-se necessário um capítulo inteiro tratando sobre isso.

O capítulo *Idem*, reúne num mesmo espaço histórias das composições das músicas do Móveis. Toda música tem suas particularidades em letras, melodias, histórias de bastidores ligadas a suas composições. Este capítulo une várias dessas histórias em um capítulo.

Tira o Lar do Lugar, Vem Pra Cá é o maior capítulo do livro e mostra o retrato de parte da turnê do álbum *C_mpl_te* do Móveis. Neste capítulo trata-se da logística, rotina e acontecimentos de alguns shows do grupo. O nono capítulo “Eu trago meus sonhos para somar aos seus” é o capítulo apresenta a relação do Móveis com suas famílias.

Para finalizar, apresento mais uma série de entrevistas, com mais dois integrantes e um ex-integrante do Móveis, o guitarrista BC Araújo, o saxofonista Paulo Rogério e o ex-guitarrista Leonardo Burzstyn. À esta série de entrevistas segue o pós-fácio do livro.

Os nomes dos capítulos foram baseados em trechos de letras de músicas do grupo com a relação subjetiva e lúdica com os assuntos abordados. As imagens apresentadas em um caderno especial no livro foram obtidas através de arquivo pessoal do grupo, arquivos retirados de material publicado na imprensa e imagens de shows, tiradas nos momentos que viajei com a banda.

A grande dificuldade deste trabalho foi reunir material de doze anos de história em cerca de 200 páginas diagramadas de um livro sem perder a vivacidade e riqueza de detalhes que um trabalho como esse precisa apresentar.

Projeto Gráfico

A proposta gráfica do livro “Se a Música Falasse por Si Só” é proporcionar uma leitura informativa, rica de conteúdo e de agradável leitura, primando pela leveza em sua diagramação. Foi feita opção pelo uso do branco na separação dos capítulos e o espaçamento 1,5 entre as linhas são chaves para atingir esse objetivo.

A fonte escolhida para o texto é a Garamond, tamanho 11, fonte característica com presença de serifas triangulares nas caixas altas e oblíquas nas baixas, fornecendo elegância e alto grau de legibilidade. Já a fonte utilizada nos nomes dos capítulos é a Adobe Heiti STD Regular.

As imagens estão agrupadas no meio do livro em um encarte especial onde prevalece sua personalidade, com diagramação especial, com situações diversas representando a história e rotina da Móveis Coloniais de Acaju.

Considerações Finais

Escrever um livro é um marco e desafio para qualquer pessoa. Desenvolver o trabalho de conclusão de curso para sua graduação também é um marco para uma vida. Quando me propus a escrever um livro como trabalho de conclusão de curso não tinha noção do tamanho do desafio que estava assumindo. São muitos desafios a serem vencidos e muitas responsabilidades assumidas.

Há o desafio de esgotar o assunto tratado no formato de um livro, com as mais diversas abordagens. No caso, apresentar uma banda como a Móveis Coloniais de Acaju num livro é tratar de sua rotina, suas músicas, a história de formação do grupo, as relações entre seus integrantes, deles com o público, do grupo com a indústria da música e a internet, entre outros aspectos. Tudo isso apresentado em texto atraente e agradável ao leitor, que precisa ser envolvido na narrativa, se interessar pelo assunto tratado de maneira tão intensa e extensa.

As responsabilidades assumidas são muitas. Desde o momento que a banda aceita ser personagem de um livro-reportagem, há a responsabilidade de escrever um texto verídico, imparcial, rico em informações e fiel à história e filosofia de toda a “móvel”. Como se não bastasse tamanha responsabilidade, há o envolvimento de amigos, colaboradores e entrevistados que criam uma expectativa de encontrar um retrato fiel e realista sobre o grupo neste livro.

“Se a Música Falasse por Si Só” apresenta parte da história, rotina e um universo de peculiaridades do Móveis Coloniais de Acaju, num único produto informativo que pode abranger tantos assuntos. Acredito que com o desenvolvimento deste livro consegui atingir o objetivo de traçar o perfil de uma banda brasileira de rock independente contemporâneo, na ativa, que aparenta ter ainda muitos anos de carreira, e suas relações com o público e as realidades do mercado da música neste começo de século XXI.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta – O rock e o Brasil nos anos 80*. São Paulo: DBA, 2002.
- _____. Ricardo. *Nem Vem que Não Tem: A Vida e o Veneno de Wilson Simonal*. São Paulo: Globo, 2009.
- BELO, Eduardo. *Livro Reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRUM, Eliane. *A Vida que Ninguém Vê*. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2007.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CALADO, Carlos. *A Divina Comédia dos Mutantes*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CUNHAL, Álvaro. *A arte, o artista e a sociedade*. Lisboa: Caminho, 1997.
- DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. Arthur. “Jornalismo Cultural”. In: *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. Álvaro Caldas(org.) Rio de Janeiro. Editora PUC Rio, 2008,.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo – Redação, captação e edição no jornal diário*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FARO, José Salvador. *Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.
- _____. “Novo jornalismo. Onde está o problema?”. História, Cultura, Comunicação. 24.maio.2009. Disponível em: < <http://www.jsfaro.net/>>. Acesso em 16 jun.2009.
- FRÓES, Marcelo. *Jovem Guarda: em ritmo de aventura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.
- MARQUETTI, Paulo. *Diário da Turma 1976-1986: a história do rock de Brasília*. São Paulo: Conrad Editora, 2001.
- MC NEIL, Legs, MC CAIN, Gillian. *Mate-me por favor*. São Paulo: L&PM Editores São Paulo: Ática, 1997.

- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.
- MOTTA, Nelson. *Vale Tudo – O Som e a Fúria de Tim Maia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- _____. *Noites Tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- NEVES, Ezequiel. *Barão Vermelho: por que a gente é assim/ Ezequiel Neves, Guto Goffi, Rodrigo Pinto*. São Paulo: Globo, 2007.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura – 4ª Ed./ Edvaldo Pereira Lima. – [Ed. Ver. E ampli.]*. Barueri, SP: Manole, 2009.
- _____. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. *Diálogo aberto: como são desenvolvidas, na prática, as etapas teóricas de produção do livro-reportagem*. 2006. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina
- RODRIGUES, Rodrigo. *As Aventuras da Blitz*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986
- TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. (vol. I).